

Bjarke Ingels com a **arq./a***«Estamos mais interessados na evolução»*LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MARGARIDA VENTOSA

O atelier BIG (Bjarke Ingels Group) é uma das jovens práticas emergentes que associa uma actividade de carácter experimental com um investimento das condições produtivas contemporâneas. Procurando integrar positivamente os diversos intervenientes na operação construtiva, o atelier BIG tem vindo a reinventar criativamente a herança moderna com o intuito de propor novos modos de habitar radicalmente contemporâneos. A atenção às funções colectivas e a reanimação da ideia de mega-estrutura são disso exemplos.

arq./a: Como definiria hoje a ideia de habitar?

Bjarke Ingels: O sítio onde vivemos. No nosso trabalho mais recente comprometemo-nos a expandir a variedade de modos de viver, para além da escolha tradicional entre a vivenda de subúrbio e o apartamento na cidade. A concepção da “Montanha” oferece todos os esplendores de uma casa dos subúrbios com jardim, num ambiente de alta densidade urbana e com uma vista de terraço. O círculo perpétuo da “BIG HOUSE” permite que um bairro de casas de cidade com jardins invadam o perímetro urbano criando um fragmento de cidade a três dimensões onde o encontro social espontâneo do domínio público não se limita ao piso térreo, mas se estende em plataformas até ao topo do edifício. Assim, tentámos utilizar os nossos projectos como experiências utópicas mas pragmáticas, com o intuito de realizar uma pequena fracção urbana de outro tipo de cidade.

arq./a: O BIG tem tido uma série de encomendas importantes comissões em habitação e espaços públicos no contexto contemporâneo de privatização da sociedade. Quais são as vossas principais estratégias para acentuar o sentido de vida em comunidade?

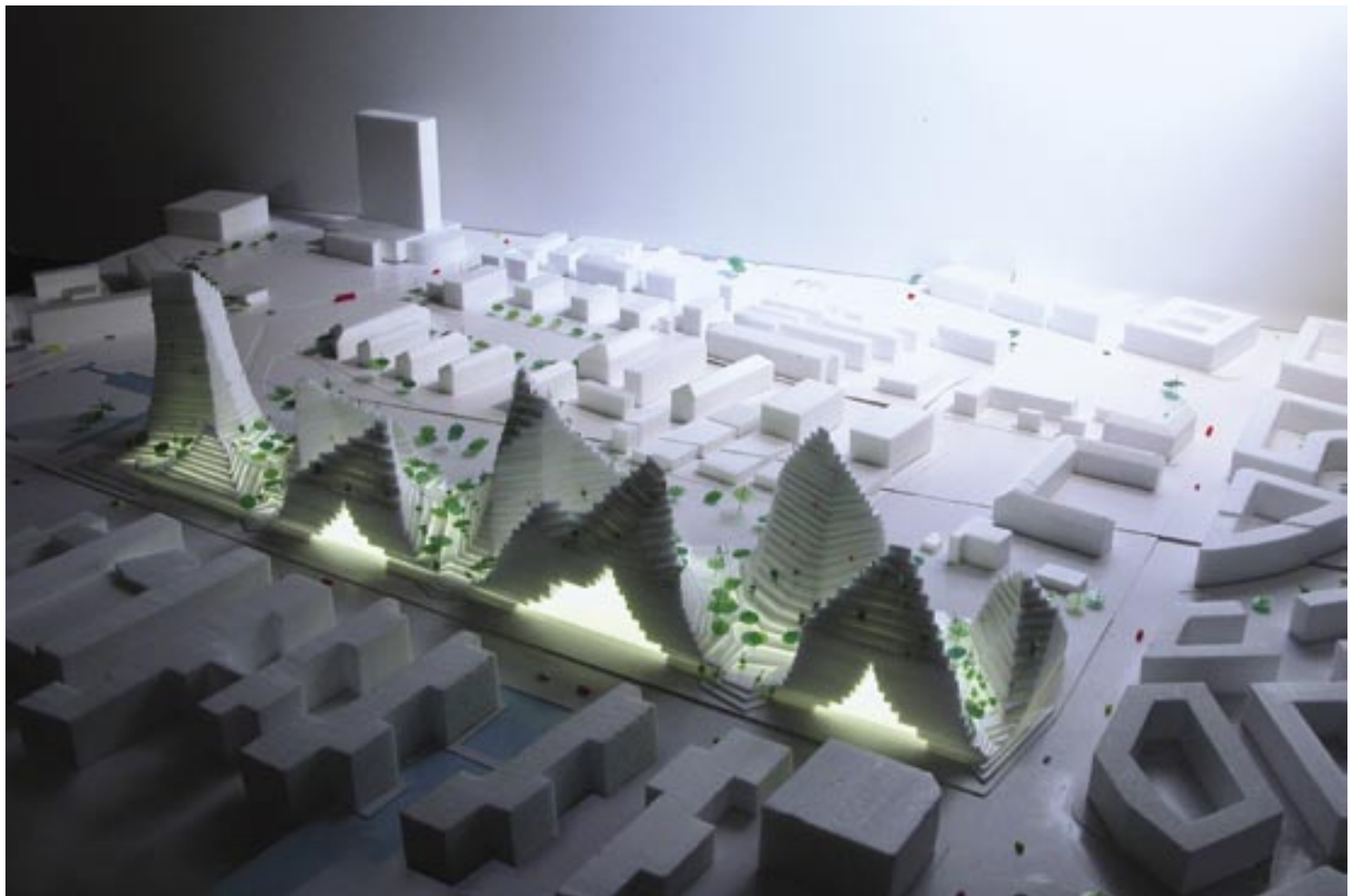
BI: Dado que todos os nossos projectos são financiados por empresas privadas, os nossos clientes estão muito mais interessados no pragmático do que no utópico. Mas embora os interesses públicos e privados sejam habitualmente vistos como opostos, muitas vezes, encontramos forma de os conseguir sobrepor. O verdadeiro bónus das “Mountain Dwellings” são os dois espaços públicos de cada

lado da habitação: a cave dos carros e a montanha dos jardins. Um é a transformação de um estacionamento tradicional naquilo que denominamos como a catedral da cultura automóvel. Em vez de um sítio assustador onde as mulheres teriam, possivelmente, medo de estacionar, tornou-se num espaço luminoso e generoso com muita interacção entre as galerias de acesso às habitações e as plataformas do estacionamento. Um verdadeiro espaço urbano interior. O outro é um aglomerado de terraços privados que seriam, normalmente, completamente privados, uns em cima dos outros, mas, neste caso, formam uma encosta contínua de terraços, permitindo encontros espontâneos entre os diversos residentes. Metade do terraço é totalmente privado protegido da vista de vizinhos curiosos, a outra parte é completamente pública, onde se vai quando se está disposto a socializar. Ambos os espaços estimulam tanto a interacção social e a comunidade, como oferecem, em simultâneo, um valor adicional significativo ao cliente, em comparação com uma estrutura de estacionamento tradicional ou apartamentos tipo com pequenas varandas.

arq./a: As vossas propostas habitacionais revelam um interesse em princípios modernos como a repetição, modulação e o diagrama. Como relacionam o vosso trabalho com outras experiências modernas prévias em habitação colectiva?

BI: Na minha opinião, um tema recorrente dos nossos projectos é a busca de liberdade dentro do mercado e da indústria da construção. As casas “VM” são construídas com elementos de betão armado e

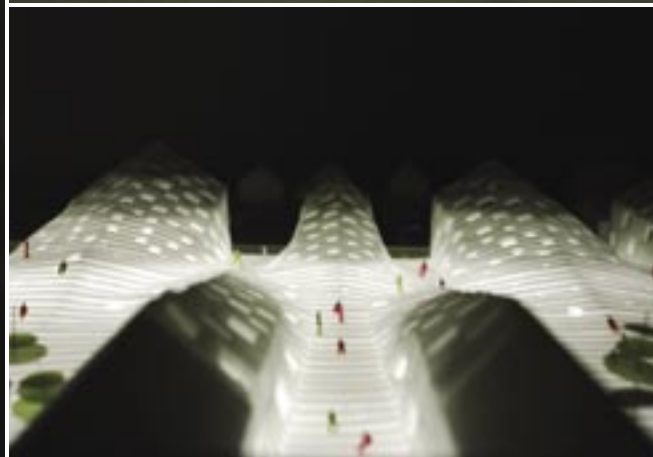
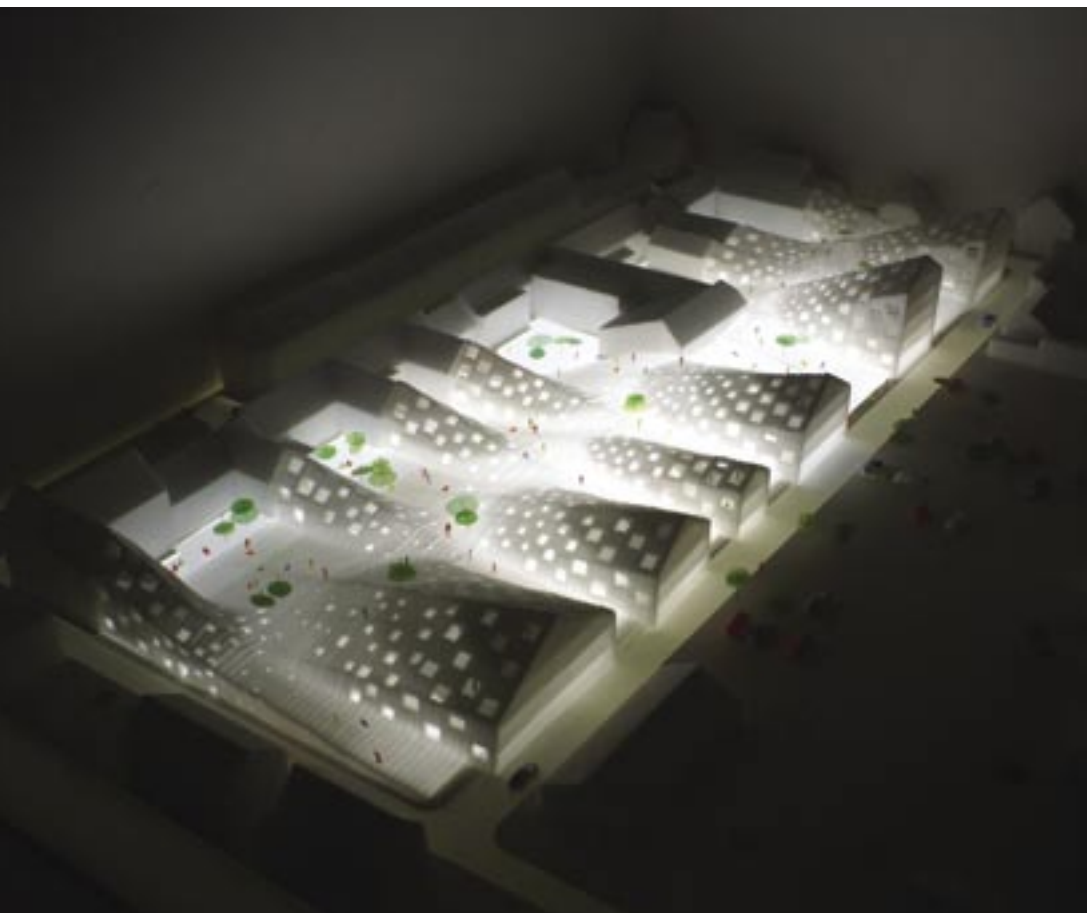
Complexo de Habitação, Comércio e Escritórios “Battery”, Copenhaga, 2006-



instalações sanitárias pré-fabricadas industrialmente. Mas, ao posicionar e reposicionar os vários volumes do edifício para garantir o máximo de luz solar e vistas desobstruídas, conseguimos criar 85 tipos diferentes de apartamentos. Uma diversidade quase medieval num bairro totalmente novo. O nosso projecto para as torres “LEGO” foi mesmo concebido como um tributo à dedicação da indústria de construção dinamarquesa da pré-fabricação modular. Uma paisagem pixelizada para trabalhar e habitar. Assim, numa fase em que o modernismo se movimentava numa busca para definir soluções universais para problemas universais (“the haus fur existenz minimum”), nós fizemo-nos valer do pensamento analítico e rigor conceptual de modo a otimizar a arquitectura à especificidade de uma dada situação, indo ao encontro das excepções e do inesperado em vez de o eliminar.

arq./a: Falam acerca da “arte de partilhar” influências e competências com “todo o rol de actores que têm o papel em moldar o nosso mundo”. Como pode esta “partilha” levar a uma experimentação projectual?

BI: A ideia da partilha é vista, tradicionalmente, como estando em conflito com a ideia do arquitecto radical. A visão tradicional do arquitecto radical é a de um jovem contrariado que se revolta contra o que está estabelecido. A vanguarda define-se mais a partir daquilo que é contra do que aquilo para que é. Isto leva a uma sucessão de contradições em que cada geração afirma o contrário da anterior. Mas, se os objectivos têm sempre que se opor aos anteriormente defendidos, acabamos por ser uma espécie de seguidores ao contrário. Em vez de sermos radicais ao dizer que se lixe o contexto,



(à esquerda) Complexo de Habitação e Comércio “Sorø”, Copenhaga, 2007-
 (à direita) Complexo de Habitação e Comércio “South Harbour”, Copenhaga, 2007-



a instituição, os vizinhos, o orçamento, ou mesmo a gravidade, queremos que o agradar se transforme num programa radical. E se procurar que todos sejam felizes não significar comprometermo-nos ou nivelarmo-nos pelo menor denominador comum? Poderia ser uma forma de descobrir o sempre misterioso salto mortal que se vira e revira de modo a cumprir todos os desejos e a evitar pisar os calos de alguém. Estamos mais interessados na evolução do que na revolução. À semelhança de Darwin que descreve a criação como um processo de excesso e de selecção, nós propomo-nos deixar que as forças da sociedade, os múltiplos interesses de todos decidam quais das nossas ideias podem sobreviver e quais as que não vingam. As ideias que sobreviverem evoluem, pela mistura e pela mutação, para uma espécie de arquitectura, inteiramente, nova.

Desta forma, nós, os arquitectos, não temos de permanecer génios incompreendidos, frustrados pela falta de compreensão, de consideração e de financiamento. Nem sequer seremos os criadores de arquitectura, mas as parteiras de nascimento contínuo de espécies arquitectónicas moldadas pelos incontáveis critérios de múltiplos interesses. O mundo inteiro insiste em entrar em conflito. Os média anseiam por conflito e os políticos, que anseiam pela presença dos média, precisam de gerar conflito para obter o que querem. Hoje em dia, o maior conflito na política dinamarquesa baseia-se no facto dos programas políticos dos sociais-democratas e dos liberais (esquerda e direita) serem demasiado idênticos, o que, em qualquer outro contexto, seria a própria definição de harmonia! Na política: é o oposto. E se o projecto pudesse ser o oposto da política? Não ignorando o conflito mas alimentando-se a partir dele. Uma forma de incorporar e integrar diferenças, não através do compromisso ou tomando partidos, mas ligando interesses em conflito, num nó górdio de novas ideias. Uma arquitectura inclusiva em vez de exclusiva. Uma arquitectura sem o fardo da monogamia conceptual do compromisso com uma única ideia ou interesse. Uma arquitectura em que não se tenha de escolher entre o público e o privado, denso ou aberto, urbano ou suburbano, apartamentos económicos ou um estádio de futebol. Podemos ter ambos. Assim, para mim, a experimentação radical não está em conflito com a ideia de permitir que outras forças ou colaboradores influenciem o nosso trabalho. Estas forças são, exactamente, os ingredientes que misturamos para criar cada experiência. ■

